



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

POSSE DO MINISTRO DA FAZENDA MAÍLSON DA NÓBREGA

Palácio do Planalto
6 de janeiro

O Presidente entrega o cargo de Ministro da Fazenda a Maílson Ferreira da Nóbrega, que já o exercia interinamente, recomendando austeridade nos gastos do governo.

1987

1º de janeiro — O ano de 1987 se despede dos brasileiros com a inflação mais alta da nossa história: 416,3%, segundo a Fundação Getúlio Vargas — FGV.

5 de janeiro — Maílson da Nóbrega, diz que pretende exercer o cargo de Ministro da Fazenda sem recorrer a medidas heróicas, choques ou congelamentos e sem novos pacotes, mas com absoluta austeridade em relação aos gastos públicos e diminuição da interferência do governo na economia.

Ê com grande satisfação que entrego o cargo de Ministro da Fazenda ao doutor Maílson da Nóbrega.

Sei que o ministério, um órgão fundamental para o Governo, está nas boas mãos de um homem competente, de grande experiência, de grandes serviços prestados ao

* Improvisado.

País, no anonimato e na simplicidade de uma carreira de muitos anos. Simplicidade e anonimato que foram incapazes de soterrar a sua brilhante personalidade, que tem se afirmado como um dos técnicos mais competentes do País e assim reconhecido.

Ao convidar o doutor Maílson da Nóbrega, dei-lhe as seguintes determinações: em primeiro lugar, em face do nosso compromisso prioritário pelo desenvolvimento, lutarmos de todas as maneiras contra a recessão. E oferecermos um combate sem trégua à inflação, esse monstro que há tantos anos vem corroendo as nossas economias, não só do Brasil como de todos os países da América Latina, luta que precisa, a cada dia, de redobrado esforço — esforço que muitas vezes tem esbarrado em grandes dificuldades.

Recomendei-lhe austeridade nos nossos gastos, um enxugamento da máquina administrativa sem nenhum sentido de espetáculo, mas com absoluto realismo e dentro das possibilidades. Uma fiel execução do nosso orçamento. E aqui desejo fazer um pequeno comentário, mas de muita importância, que transcende esta solenidade para ser um fato do conhecimento do País que até hoje não tem sido devidamente analisado: corresponde ao nosso Governo o maior avanço institucional em termos de formulação de nossas contas públicas.

Ao assumir a Presidência, não dispunha o Governo de um orçamento no qual se pudesse visualizar tudo que acontecia nesse universo dos gastos e das receitas públicas. Corresponde a este governo a coragem de ter extinguido a Conta Movimento e ao mesmo tempo aquele orçamento diversificado entre o orçamento monetário e o orçamento fiscal, para termos somente um orçamento unificado.

A partir de 1º deste ano toda a administração pública deste País será balizada pelo orçamento que foi aprovado pelo Congresso Nacional. Nós tivemos a coragem de propor que o Governo abdicasse de ser o Tesouro gerador de gastos.

Em segundo lugar, nós não podemos, hoje, de nenhuma maneira, fazer nenhum aumento da dívida pública sem autorização do Congresso Nacional. Isto dá a todos nós a

consciência de que passamos a ter uma visualização completa das contas públicas, de despesas e de receitas, podendo o Governo saber o que pode fazer e o que não pode fazer. Evitar demandas impossíveis de setores governamentais ou de setores privados porque todo e qualquer aumento de despesa a partir de 1º de janeiro implicará uma aprovação do Congresso Nacional. Também para aumentarmos a dívida pública ou outro qualquer tipo de aumento de receita só com autorização do Congresso Nacional. Este é um grande avanço institucional do nosso País. E este fato corresponde ao nosso Governo.

Disse-me há pouco o doutor Maílson, que é um velho conhecedor das tarefas fazendárias, que corresponde ao nosso Governo o maior avanço feito ao longo da história do Brasil no sentido de organização das contas públicas deste País.

O que cabe agora a todos nós e ao senhor Ministro da Fazenda e a todo o Governo é a execução do nosso orçamento. Com a execução do orçamento, nós teremos que cumprir aquilo que temos planejado em matéria de déficit. E vamos cumprir.

Quero dizer que a sua tarefa, ministro, como o senhor mesmo acentuou, é muito difícil. É difícil gerir a economia, hoje, em qualquer lugar do mundo. O mundo atravessa uma grave crise econômica. Crise tão forte que abalou as poderosas economias dos países desenvolvidos, batendo às portas das inexpugnáveis bolsas de valores de Tóquio, de Nova Iorque, de Londres, de Paris.

E a inflação que recrudesceu no Brasil não é um fenômeno brasileiro. Recrudesceu na América Latina inteira, em alguns países em proporções muito mais avassaladoras do que no Brasil. Nós temos, contudo, nessa comparação, um dado extremamente feliz para o Brasil e os brasileiros. Nós ainda somos, no meio deste vendaval, uma exceção, porque ainda continuamos crescendo, continuamos com o nível de emprego alto, e tivemos no ano passado uma safra agrícola que foi a maior safra da história do Brasil. São fatos econômicos que não estão se repetindo na grande maio-

ria dos países do mundo que vivem a crise econômica contemporânea.

Teremos, sem dúvida, de lutar, de lutar diariamente, diuturnamente, mas com o objetivo de realmente construirmos a grandeza nacional.

Eu quero ajuntar a estas minhas palavras um dado humano que para mim foi extremamente importante ao assinar a nomeação do ministro Maílson da Nóbrega.

O ministro Maílson Nóbrega é filho de um lavrador analfabeto da Paraíba. Estudou em casas de estudante, em colégios gratuitos, e fez uma carreira com seu próprio talento, com seu próprio esforço, e hoje é investido no cargo de Ministro da Fazenda do Brasil. Mas esse dado humano tem valor maior nesta solenidade pelo fato de mostrar a todos nós o que é o Brasil. Um país no qual o Ministro da Fazenda pode ser o filho de um lavrador analfabeto, um país que pode nomear um ministro da Fazenda sem considerações nem pressões de grupos econômicos de nenhuma natureza. Um país que pode conjugar os seus talentos, os seus valores humanos, para juntá-los num grande esforço nacional.

Tiradentes tinha uma frase. Ele dizia que, se quisermos, seremos uma grande nação.

Pois hoje, mais do que nunca, esta frase é um chamamento a todos os brasileiros. É um chamamento contra o pessimismo. É um chamamento contra o protesto vazio. É um chamamento contra a amargura injustificada. É um chamamento contra a autodestruição que se procura disseminar semeando a desesperança para que se possa acreditar, ou se possa ter a consciência de que este País não é o grande País que ele é, é o grande País que tem o seu destino e o seu futuro.

Um chamado com palavras de esperança, com palavras de certeza, numa convocação a que se conjuguem esforços, a que se possam unir confianças para que se tenha uma visão maior das responsabilidades de todos nós.

O Brasil começa dentro de cada um. O Brasil não é feito pelo Presidente da República, o Brasil é feito pelo povo brasileiro.